

Surrealismo financeiro

Economia - Brasil

7 MAR 1990

A parte mais divertida dos jornais brasileiros, hoje, é a seção de finanças e mercado de capitais. Enquanto os quadrinhos se tornam cada vez mais intelectualizados, as reportagens financeiras ressuscitam as trapalhadas e o clima de absurdo das velhas historinhas infantis. Há temor e perplexidade no mercado de papéis e de moedas? Claro, mas ninguém sabe dizer com segurança por quê. Ouro e dólar sobem e descem no mesmo dia, ou descem e sobem, e não há o menor sinal de consenso a respeito das causas. Isso pode parecer fantástico, mas é apenas uma descrição dos fatos. E o especulador já foi apontado, em livros de sociologia, como um perfeito modelo de racionalidade.

A confusão do especulador é instrutiva. Ajuda a perceber com

maior clareza o desarranjo da economia brasileira. Quando as pessoas se acostumam a viver num ambiente de inflação desenfreada, o bom pode ser mau e o mau pode ser visto como infinitamente deseável. Numa economia saudável, os juros crescem com o prazo e com o risco. O sistema de preços tem uma hierarquia clara e compreensível para todos. Numa economia como a do Brasil, hoje, essa hierarquia ou deixa de existir ou fica de cabeça para baixo. Os exemplos estão ai, no dia-a-dia, diante de todos. Só que as pessoas se habituaram a ver o mundo ao contrário e por isso não se espantam.

Numa economia normal, o risco de inflação estimula a procura de ouro e de moedas fortes. No Brasil, o preço do ouro sobe quan-

do se pressente uma política antiinflacionária mais firme. O dólar sobe também. Por quê? Porque o ouro subiu. Ou vice-versa. Por que tudo isso? Porque a moeda nacional pode tornar-se mais forte. Resposta absurda? Certamente, mas é a resposta. Ela está escondida debaixo dessa outra: a política antiinflacionária, condição de uma moeda nacional mais saudável, poderá impor uma perda aos detentores de papéis. Mas essa política, se der certo, não acabará também desvalorizando o ouro? Certamente, mas a soma de todas essas respostas acaba produzindo uma espécie de indigestão lógica.

No fundo, tudo se passa como se o especulador esperasse ao mesmo tempo uma inflação baixa e um cruzado fraco. É este o nó que a nova política terá de cortar.